UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROFESSOR ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

CAROLAINE DA SILVA OLIVEIRA

A TIMIDEZ DAS MENINAS COMO RESULTADO DA VIOLÊNCIA DOCENTE

ITABAIANA
2024

CAROLAINE DA SILVA OLIVEIRA

A TIMIDEZ DAS MENINAS COMO RESULTADO DA VIOLÊNCIA DOCENTE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação, da Universidade Federal de Sergipe, Campus Universitário Professor Alberto Carvalho, como requisito para obtenção do grau de licenciado(a) em Pedagogia.

Orientador(a):
Profª Drª Fernanda Amorim Accorsi

ITABAIANA
2024

CAROLAINE DA SILVA OLIVEIRA

A TIMIDEZ DAS MENINAS COMO RESULTADO DA VIOLÊNCIA DOCENTE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação, da Universidade Federal de Sergipe, Campus Universitário Professor Alberto Carvalho, como requisito para obtenção do grau de licenciado(a) em Pedagogia.

Orientador(a):
Profa. Dra. Fernanda Amorim Accorsi

Aprovada em: 03 de Abril de 2024.

BANCA EXAMINADORA

_____
Profa. Dra. Fernanda Amorim Accorsi (Orientadora)
Departamento de Educação-DEDI/Universidade Federal de Sergipe-UFS

_____
Prof. Dr. João Paulo Gama Oliveira
Departamento de Educação-DEDI/Universidade Federal de Sergipe-UFS

_____
Prof. Dra. Lívia Jéssica Messias de Almeida
Departamento de Educação-DEDI/Universidade Federal de Sergipe-UFS

ITABAIANA
2024

Dedico esse trabalho a Deus,
a mim e a todos aqueles que torcem
positivamente por mim.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por estar presente em todas as áreas da minha vida, por me conceder saúde, força, persistência para ultrapassar os obstáculos encontrados ao longo do caminho, jornada acadêmica e ter conseguido chegar até aqui.

Agradeço aos meus pais e irmãos pelo apoio e torcida para que eu conseguisse concluir esse ciclo.

Aos meus familiares que mesmo distante torceram e torcem por mim de alguma maneira.

As amigas que fiz durante esses longos cinco anos, Bruna, Elaine, Elisabete e Laryssa, por terem percorrido essa jornada juntas comigo e que fizeram esse caminho ser mais feliz.

A minha amiga Gaby Telles, que mesmo distante se faz presente de alguma forma, e a todos/as os/as outros/as amigos/as que considero, tenho carinho e que também vibram positivamente por mim.

Aos meus colegas de curso os quais convivi intensamente durante os últimos anos, foram muitos momentos de surtos, mas que serviram de aprendizado para cada um de nós.

Agradeço também a todos/as professores/as da educação básica e àqueles/as que tive oportunidade de ser aluna durante esse período acadêmico, meus mais sinceros agradecimentos, cada um de vocês foram essenciais para meu crescimento pessoal e profissional.

A minha orientadora Fernanda, por ter me dado a oportunidade de ser orientada por ela, ter me ajudado no processo de escrita desta monografia com paciência e dedicação, sempre disponível a compartilhar seu vasto conhecimento.

Aos/as professores/as examinadores/as dessa banca, obrigada pela presença e disponibilidade.

“O educador se eterniza em cada ser que educa”.
Paulo Freire

RESUMO

A presente pesquisa de monografia teve como objetivo estudar sobre a timidez de meninas como efeito de violências de gênero ocasionadas por professoras/as. A timidez é compreendida como um traço de identidade que pode ser algo natural ou um modo de ser e agir impulsionado por vivências. A violência consiste em ações que afetam fisicamente, moralmente e psicologicamente um indivíduo. O silenciamento é um ato violento contra pessoas a fim de oprimir, calar suas vozes. Assim, quantos aos procedimentos metodológicos esse trabalho é caracterizado como pesquisa explicativa, onde a coleta de dados foi realizada a partir de estudos bibliográficos e investigação documental analítica, referindo-se ainda a uma pesquisa qualitativa, baseando-se em fonte secundária. Além disso, os sujeitos da pesquisa são meninas do ensino fundamental que estão iniciando a jornada escolar, estando propensas a presenciar situações de violências como também de serem vítimas, corroborando com o silenciar de suas vozes. Nessa conjuntura, os resultados alcançados nesta pesquisa demonstram que diante de uma sociedade construída a partir de uma conjuntura patriarcal/machista, incutiu nas ideias, vivências das pessoas, conceitos, imagens sobre a menina/mulher a fim de tentar colocá-las em lugares sociais fixos, as quais não devem fazer parte do mesmo sistema idealizado para meninos/homens. Desse modo, conclui-se que professores/as têm sua formação enquanto sujeito, baseada em vivências pessoais e culturais construídas ao longo da vida, conjuntamente influenciados e interpelados pela estrutura machista presente desde o passado na sociedade, incutindo em seu jeito de ser e agir. Diante disso, espera-se que os resultados deste trabalho comprovem, mesmo que parcialmente, a relação entre a timidez de garotas como sendo resultado de um silenciamento de gênero juntamente com ações negativas de docentes.

Palavras-chave: docente; gênero; silenciamento; timidez; violência.

ABSTRACT

The present monograph research aimed to study the shyness of girls as a result of gender-based violence caused by teachers. Shyness is understood as an identity trait that can be either natural or a way of being and acting driven by experiences. Violence consists of actions that physically, morally, and psychologically affect an individual. Silencing is a violent act against people in order to oppress and silence their voices. Thus, regarding the methodological procedures, this work is characterized as explanatory research, where data collection was carried out through bibliographic studies and analytical documentary research, also referring to qualitative research, based on secondary sources. Additionally, the research subjects are girls in elementary school who are beginning their educational journey, being prone to witnessing situations of violence as well as being victims themselves, contributing to the silencing of their voices. In this context, the results obtained in this research demonstrate that in a society built upon a patriarchal/misogynistic framework, ideas, experiences of people, concepts, and images about girls/women have been instilled in order to try to place them in fixed social roles, which they should not be part of within the same idealized system for boys/men. Thus, it is concluded that teachers undergo their formation as individuals, based on personal and cultural experiences built throughout life, jointly influenced and challenged by the misogynistic structure present since the past in society, instilling in their way of being and acting. Therefore, it is expected that the results of this work will prove, even partially, the relationship between girls' shyness as a result of gender silencing along with negative actions by teachers.

Keywords: teacher; gender; silencing; shyness; violence.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
IPEC	Inteligência em Pesquisa e Consultoria Estratégica
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PEPECA	Pesquisas e Estudos em Práticas Educativas, Corpo e Ambiente

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO.....**	14
2	**METODOLOGIA.....**	17
3	**VIOLÊNCIAS COTIDIANAS NA ESCOLA: QUUANDO INVÍSIVEL DEIXA MARCAS.....**	19
3.1	SISTEMAS PEDAGÓGICOS ABORDADOS.....	24
3.2	O IMPACTO DO PATRIARCADO NA FORMAÇÃO DE IDENTIDADES DE MENINO/HOMENS.....	27
3.3	O PROTAGONISMO FEMININO NA QUEBRA DE PARADIGMAS DE ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO.....	30
3.4	DOCENTE SILENCIADO/A: NOVO SILENCIADOR/A?.....	32
4	**CONSIDERAÇÕES FINAIS.....**	37
	REFERÊNCIAS	40

1 INTRODUÇÃO

No presente trabalho, denominado *A timidez das meninas como resultado da violência docente*, serão abordadas questões sobre o comportamento tímido infantil (em sua maioria, feminino) como fruto da violência docente. Nesse sentido, também serão tecidos paralelos quanto à questão do silenciamento de gênero, ao analisar as consequências das referidas ações no público atingido.

A produção desse trabalho se trata de uma pesquisa pós-estruturalista, ou seja, defende a construção de uma escrita que não limite o/a escritor/a uma subjetividade, nem a promessa de uma conclusão sobre determinado texto, no entanto, apesar de existir um roteiro para a produção textual, a intenção desse tipo de estudo é permitir que a pessoa que escreve siga outras linhas de raciocínio que levem em conta as suas vivências, experiências, modos de ver o mundo, os quais fundamentam as escolhas das pesquisas. É compreensível que, nesta abordagem, a pessoa que escreve tem determinado ponto de vista, mas não é tratado como único e absoluto (LOURO, 2007), assim como é trabalhado no grupo de Pesquisas e Estudos em Práticas Educativas, Corpo e Ambiente (PEPECA), espaço onde este texto foi escrito.

A partir daqui, cabe realizar uma breve explicação sobre um dos eixos fundantes dessa pesquisa: a **violência.** O referido fato é acontece com frequência na sociedade, em lugares e com pessoas na qual não se esperaria. A sala de aula não está imune, visto que docentes ultrapassam os limites do autoritarismo e do bom senso frente ao alunado, por exemplo, ao fazer comentários negativos, comparações, podendo afetar negativamente o comportamento do indivíduo. Há, ainda, o outro lado, em que os/as discentes violentam docentes com perseguições, estigmas e assédios. Existem vários tipos de violência, mas no geral ela pode ser entendida como uma "[...] ruptura de qualquer forma de integridade da vítima: integridade física, integridade psíquica, integridade sexual, integridade moral" (SAFFIOTI, 2015, p. 18). Nesse ponto de vista, as violências são capazes de alterar o jeito como a vítima irá agir depois da situação de arbitrariedade, porque deixam marcas que nem sempre estão sob a pele.

O segundo eixo é a **timidez,** sendo este um traço de identidade presente em vários perfis de pessoas, podendo ser ou não um problema na vida do sujeito. Na sala de aula, por exemplo, há a possibilidade de se tornar um empecilho no desempenho escolar, na convivência com colegas e professores/as, isto é, ao ser colocado/a em situações de desconforto possibilitará intensificar esse comportamento. Sendo assim, a timidez pode ser vista como "[...] uma dificuldade de comunicação, associada a um sentimento de baixa performance e um julgamento social negativo de fala. Com certa frequência, os tímidos têm dificuldades de serem ouvidos e

entendidos, apresentam dificuldades em iniciar e estruturar uma conversa [...]" (GIMENEZ *et al.*, 2019, p. 2). Nessa perspectiva, entende-se que a criança tímida possui baixa autoestima e isso pode ser fortalecido no ambiente escolar mediante situações de constrangimento, humilhação, entre outras situações negativas.

O terceiro elemento é o **silenciamento**. Este é um ato de opressão a alguém podendo ocorrer tanto no ambiente escolar como em outros lugares. Esse "silêncio" pode ser confundido com timidez, ele se manifesta de várias maneiras, sendo assim, "[...] as formas de silenciamento que uns empregam contra outros ampliam o campo, passando a incluir a vergonha, a humilhação, a exclusão, a desvalorização, o descrédito, as ameaças [...]" (SOLNIT, 2017, p. 30). Nessa lógica, o ambiente escolar, por exemplo, o qual deveria ser acolhedor, muitas vezes se torna um espaço em que a criança tem sua voz silenciada, passando a desenvolver e/ou intensificar um sentimento de inferioridade e incapacidade, tornando-se uma pessoa com medos e angústias excessivas. Esses três eixos fundantes serão aprofundados ao longo desta pesquisa.

Diante disso, o **objetivo geral** desta monografia é discutir acerca da timidez de alunas como silenciamento de gênero provocado por docentes. E **especificamente,** indagar acerca da relação entre os fatores violência-timidez-silenciamento e problematizar os impactos da violência docente na vida de meninas. Esse trabalho pretende responder a seguinte **pergunta/problema**: quais relações são possíveis entre a timidez das meninas, como silenciamento de gênero, com a violência docente?

Essa pesquisa justifica-se **academicamente** por contribuir com a área que relaciona violência e timidez, servindo como base de estudo para profissionais da área educacional. Como forma de entender a relação desses dois fenômenos, será tida por base a seguinte perspectiva:

> Em troca do poder de dominar as mulheres, os homens se deixam amputar na dimensão mais prazerosa da vida: a da troca afetiva, transmitindo aos filhos esta mesma maneira de agir. A mulher também colabora neste sentido, pois dá educação diferenciada aos filhos e filhas. Afirma-se, com frequência, que a mulher é a maior responsável pela transmissão destes padrões de comportamento. Esta afirmação é extremamente perigosa. Culpabilizam-se as mulheres por quase tudo que sai errado na família. A mulher, ainda que possa ter consciência de sua não-responsabilidade, assume a culpa, uma vez que foi treinada no masoquismo, foi socializada para assumir o papel de vítima, foi ensinada a sofrer em silêncio. Aquela afirmação aumentará, sem dúvida, o sentimento de culpa das mulheres. E não se trata de culpabilizar alguém por condutas, cujos significados ideológicos escapam à consciência da pessoa. Ao contrário, trata-se de conscientizar homens e mulheres dos malefícios que o patriarcado-racismo-capitalismo acarreta para ambos, sobretudo para os que integram as classes subalternas (SAFFIOTI, 1987, p.63-64).

Na perspectiva da autora, os homens foram ensinados desde cedo a não demonstrar afeto para serem considerados "mais homens", mais viris, mais masculinos, mais fortes. Além disso,

atribuem à mulher a responsabilidade por esse fato, e mesmo que elas não sejam responsáveis por esse comportamento dos homens, elas tendem a se culpabilizar pelos acontecimentos negativos de suas famílias. As mulheres também são responsabilizadas, pelo sistema do patriarcado, pela regulação de gênero das meninas, uma vez que são orientadas a passar, de geração a geração, comportamentos considerados femininos como a docilidade, a fragilidade, a quietude, a timidez. Neste sentido, nossa **hipótese** de pesquisa é que a timidez das meninas em sala de aula pode ser fruto de um sistema no qual a mulher teve que moldar seu comportamento para serem consideradas femininas, por exemplo: ser meiga, boazinha, falar baixo, omitir sentimentos, ficar em silêncio.

Pessoalmente, essa pesquisa justifica-se por ser um tema do qual me identifico, pois fui uma criança tímida, tinha medo de me expressar, de errar e ser julgada. Na sala de aula não era diferente, qualquer correção da professora fazia com que me sentisse acuada. Além disso, após ouvir o depoimento de uma aluna preta, no grupo de Pesquisas e Estudos em Práticas Educativas, Corpo e Ambiente (PEPECA)[1], no início de 2023, enquanto este trabalho estava sendo confeccionado, que foi desacreditada de ser capaz de fazer determinadas atividades por sua professora, despertando nela um sentimento de inferioridade, endossou a importância dessa pesquisa, pois timidez e violência estão entrelaçadas. “Pesquisar é, portanto, uma oportunidade de conexão entre teorias e subjetividades, cuja associação justifica-se para descortinar o mundo” (ACCORSI; TERUYA, 2020, p. 202). Por isso, realizar essa pesquisa oportuniza analisar ideias de diferentes autores e autoras associando-as ao objeto de estudo, e a partir disso, construir conhecimentos com visões subjetivas e teóricas, podendo provocar no/a leitor/a questionamentos, identificações, concordâncias e/ou discordâncias.

Em um **contexto social**, esse trabalho se justifica por ser uma abordagem na qual meninas poderão se identificar e perceber que talvez elas não fossem apenas tímidas por um traço de identidade, mas também por algum momento de sua vida terem sido silenciadas de alguma maneira, podendo afetar negativamente em sua vida acadêmica, pessoal e social, bem como professoras podem, a partir da leitura das elucubrações produzidas aqui, refletirem sobre o impacto que suas afirmações e incentivos têm sobre suas alunas.

[1] O PEPECA é grupo de pesquisas, coordenado pela Profª. Drª. Fernanda Amorim Accorsi no qual possui atualmente 19 membros. Ele faz parceria institucional com a Universidade Federal de Rondônia – UNIR e com a Universidade Estadual de Maringá – UEM, e foi fundado em 2020.

2 METODOLOGIA

Quanto aos procedimentos metodológicos utilizados para realização desse trabalho, no tocante aos seus objetivos, será utilizado o tipo de **pesquisa explicativa** que

> é um tipo de pesquisa mais complexa, pois procura um conhecimento mais profundo sobre o fenômeno estudado. O principal objetivo é identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos, procurando explicar a razão, o porquê das coisas (RODRIGUES, 2011, p. 54).

Nesse sentido, a intenção desse estudo é buscar compreender através de documentos, como a timidez de meninas tem a ver com o silenciamento de gênero, ou seja, como isso corrobora em seu modo de viver e existir principalmente no ambiente escolar.

Os **sujeitos da pesquisa** são meninas que irão ler esse trabalho, o qual pretende deixar reflexões para elas, as professoras, mães, pais e avós dessas garotas. Logo, a ideia desse estudo não é ir para campo. Pois esses sujeitos terão acesso a esse estudo quando forem ler em um dado momento de sua vida. Ainda que não pretendamos realizar uma pesquisa empírica, vamos utilizar a literatura da área da cultura, da educação, do feminismo para refletir sobre o assunto.

A coleta de dados foi realizada a partir de uma **pesquisa bibliográfica** que, segundo (GIL, 1999, p. 45-62 *apud* RODRIGUES, 2011, p. 55), "[...] é desenvolvida a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e atualmente de material disponibilizado na Internet". Desta maneira, teremos embasamento teórico para a construção das ideias aqui expostas.

Outrossim, esse trabalho configura-se a partir de uma investigação documental e analítica, que busca compreender informações a partir de documentos que não tenham um fim específico para determinado assunto, mas que serão analisados para tentar responder determinado problema de pesquisa. Dessa forma, a escolha desse tipo de análise se faz "quando são utilizados documentos que ainda não receberam tratamento analítico, ou seja, quando a pesquisa é realizada a partir de fontes primárias" (RODRIGUES, 2011, p.53).

Além disso, as averiguações dessa monografia se baseiam em fontes secundárias, que, de acordo com Rodrigues (2011, p. 53) "[...] a pesquisa é desenvolvida através de material já elaborado: livros e artigos científicos", isto é, pensadas a partir de dados já existentes. Quanto a análise de dados, é de natureza **qualitativa**, quer dizer:

> Quando não emprega procedimentos estatísticos na abordagem da pesquisa. É utilizada para investigar um determinado problema de pesquisa, cujos procedimentos

> estatísticos não podem alcançar devido à complexidade do problema como: opiniões, comportamentos, atitudes dos indivíduos ou grupo (RODRIGUES, 2011, p. 55).

Assim sendo, esse estudo se fundamentará em perspectivas que abordam e/ou se aproximam do objeto de estudo, qualificando as questões que serão fundamentadas. Outrossim, "[...] o domínio de um tema, de uma questão ou mesmo de uma área disciplinar costuma se constituir numa aspiração de muitos intelectuais e professores/as; mas temos de admitir que a tarefa de conhecer é sempre incompleta, sem fim" (LOURO, 2007, p.238). Desse modo, falar sobre a temática desta monografia requer dedicação de leitura, e para isso é importante ter embasamento teórico para a construção e fluidez da escrita. Outrossim, salienta-se que estudá-los não tornará o conhecimento adquirido acabado, sem espaço para mudanças de concepções, visto que, não apenas a pessoa que escreve como também o/a leitor/a terá a possibilidade de enxergar com outros sentidos determinadas temáticas.

Portanto, essa monografia tem como aporte teórico os/as seguintes autores/as: Baliscei, Maio e Calsa (2016), Gimenez *et al*. (2019), Saffioti (1987), Saffioti (2015), Solnit (2017), entre outros/as estudiosos/as que contribuíram para o processo de negociação da realidade usando como base seus respectivos textos.

Perante o exposto, no que se refere à organização desta monografia, na terceira seção será discutida sobre as violências cotidianas na escola: quando o invisível deixa marcas. No subtópico "Sistemas pedagógicos abordados" será discutido acerca desse conceito atrelando as temáticas abordadas ao longo do texto. Por conseguinte, teremos mais três subtópicos falando respectivamente sobre como o patriarcado também afeta meninos/homens; o protagonismo feminino; o/a docente que em algum momento de sua vida foi silenciado, também pode se tornar silenciador/a; e por último as considerações finais.

3 VIOLÊNCIAS COTIDIANAS NA ESCOLA: QUANDO O INVISÍVEL DEIXA MARCAS

A escola é um lugar onde as crianças vão estudar, aprender, brincar, socializar com colegas e professores/as, umas são mais agitadas, outras quietas, umas são tímidas, já outras destemidas, e têm consigo inseguranças, traumas, medos de que nem sempre são perceptíveis. Diante disso, o/a professor/a exerce uma função imprescindível para atenuar ou ressaltar os modos de ser do alunado. Além de ser um/a mediador/a do conhecimento, precisa ter um olhar atento frente às turmas, porque, seja uma atitude, palavra ou gesto, possibilitará o desencadeamento de reforços positivos ou negativos na vida do indivíduo (OSTI; TASSONI, 2019).

No século XIX, a violência física era utilizada como forma de correção das crianças na sala de aula, se ajoelhar no milho e o uso da palmatória, são alguns exemplos (LEMOS, 2012). Na terceira década do século XXI, as manifestações de violência no ambiente escolar nem sempre são explícitas, mas ainda podem se fazer presentes, como o episódio de uma criança que foi amarrada em um poste dentro de uma classe, na escola particular chamada Pequiá, em São Paulo. “Crianças eram tratadas aos gritos e algumas teriam passado mal após serem obrigadas a comer brócolis e outros legumes” (O ESTADÃO, 2023, s/p).

O uso da autoridade faz parte do trabalho docente, no entanto, quando manifestada de forma que coloca a criança em situação vexatória e humilhante, este/a profissional estará cometendo violência. “Não raro, a violência tem sido utilizada como forma de ensinar/corrigir, ou seja, para ‘educar’ crianças e adolescentes no contexto familiar, é por vezes também no meio escolar” (MINUZZO; PESSÔA, 2022, p. 1). Como exemplo de violência na família, há o caso do menino Henry Borel, “[...] a criança morreu por conta de agressões do padrasto, o vereador Dr. Jairinho e pela omissão da mãe, a professora Monique Medeiros” (G1, 2021, s/p).

Nessa perspectiva, pode-se refletir que tanto no convívio familiar quanto escolar acontecem situações de abuso, em que o corpo infantil é tratado de modo violento como se ele, o corpo, não tivesse memória sobre o ocorrido. É como se a criança fosse alvo de toda e qualquer frustração, angústia, infelicidade e raiva de pessoas adultas. Há o atravessamento dos limites de uma relação saudável, que seria quando a criança tem sua integridade desrespeitada, seja ela física, moral ou psicológica. Ademais, no Brasil, existem leis que defendem qualquer forma de violação dos direitos contra menores de idade, é o caso do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que prevê:

> Art. 18-A. A criança e o adolescente têm o direito de ser educados e cuidados sem o uso de castigo físico ou de tratamento cruel ou degradante, como formas de correção, disciplina, educação ou qualquer outro pretexto, pelos pais, pelos integrantes da família ampliada, pelos responsáveis, pelos agentes públicos executores de medidas socioeducativas ou por qualquer pessoa encarregada de cuidar deles, tratá-los, educá-los ou protegê-los (Incluído pela Lei nº13.010, de 2014, s/p).

Destarte, a legislação prevê que crianças e adolescentes não devem ser vítimas de ações punitivas como forma de educá-los/as, seja através do uso da força física que resulte em lesão corporal, ou através de humilhação, constrangimento, ameaças e ridicularização.

As instituições de ensino, local onde deveria ser para aprender, ensinar, brincar, socializar, podem se tornar um pesadelo para algumas crianças, especificamente, meninas, uma vez que há hierarquias de gênero, que atravessam as infâncias e conduzem mais ou menos violências, a depender se são meninos ou meninas. As tímidas, por exemplo, tendem a falar menos, e são orientadas, culturalmente, a serem reservadas. A quietude é sinônimo de "boa garota". Esse traço de identidade resulta numa excessiva autocrítica e preocupação sobre o que o outro pensa sobre seu "eu" (GIMENEZ *et al.*, 2019). Desse modo, formatando sua maneira de ser conforme os padrões sociais e culturais confeccionados para as mulheres, como preocupar-se em agradar o outro e não a si mesma, servir, cuidar, arrumar, entre outras ações que são tidas como "de meninas".

No âmbito escolar, elas que têm a característica de timidez são vistas como boas alunas, pois espera-se que a figura feminina seja docilizada, quieta e contida, portanto, garotas que agem dessa maneira tendem a não gerar preocupações em seus/suas professores/as, visto que, "[...] o bom desempenho das meninas é associado à sua feminilidade passiva" (DAL'IGNA, 2007, p. 254). Entretanto, existe a possibilidade de elas estarem se escondendo por trás de um falso comportamento tímido, seja por resultado de retaliações, baixa autoestima, sintomas provocados até mesmo pelo próprio educador/a. Mas afinal, o que isso tem a ver com violência?

Desde a infância, meninas/mulheres têm seus corpos controlados pela sociedade patriarcal/machista, comprometendo seu comportamento, sua história, seu sonho e modo de ver e atuar no mundo. O patriarcado é o sistema social que se articula a partir da dominação masculina, classificando as meninas como seres [naturalmente] inferiores. O machismo é um desdobramento do patriarcado, que se funde nos valores, nas práticas, nos significados e nos modos de ser dos sujeitos que estão interpelados/as (LERNER, 2019; CASTAÑEDA, 2006).

Se a expressão das emoções é indispensável para a saúde mental, "[n]o passado, não era aceitável que as mulheres verbalizassem seu descontentamento, sua raiva ou simplesmente sua opinião" (CASTAÑEDA, 2006, p. 135). No entanto, em 2024, recorte temporal da escrita desta

monografia, "[q]uando uma mulher se irrita, é tachada de 'agressiva' ou 'histérica'", em outras palavras, é como se o machismo sussurrasse para elas: "você precisa se controlar" (CASTAÑEDA, 2006, p. 146).

Antes mesmo de nascer, quando ainda está no ventre de sua mãe, são atribuídas cores como distinção de gêneros, rosa de menina e azul de menino, o chá revelação por exemplo, é uma prática que se tornou comum no século XXI sendo realizado como forma de revelar o sexo do bebê, e para isso utilizam as cores citadas anteriormente para diferenciar os sexos. Acontece que não são cores inocentes, elas carregam significados que vão ditar o lugar social que cada criança vai ocupar, quais sonhos, profissões, comportamentos serão autorizados/as a ter. Quando a criança nasce, são criadas imposições de gênero sobre seus corpos, no qual, familiares, amigos/as, induzem como elas devem andar, sentar, se comportar, vestir, falar, sentir, entre outras determinações, porém este indivíduo cresce e demonstra seus próprios interesses os quais nem sempre serão aqueles almejado pelo sistema patriarcal, podendo ela gostar de objetos, ambientes, músicas, roupas, brincadeiras e ter comportamentos classificado como sendo para "meninos" (BALISCEI; MAIO; CALSA, 2016).

Nesse ínterim, gestos que podem parecer simples e inofensivos como a escolha de um objeto baseado na cor, servem para reforçar estereótipos a respeito das formas como devem agir perante a sociedade, indicando uma "verdade absoluta" acerca do que é ser menina/mulher. Livros infantis, por exemplo, exercem poder de influência desses e outros "moldes femininos", quando narram em suas histórias personagens frágeis, delicadas e submissas, sendo assim, argumentam que a cultura infantil sugestiona por meio de suas mercadorias, imagens e espetáculos, formatam e ajustam as crianças contemporâneas (BALISCEI, *et al, 2016,* p. 293).

O fato de meninas e meninos possuírem genitálias diferentes torna-se uma condição predominante para que o patriarcado imponha diferentes papéis para ambos exercerem ao longo da vida. A menina/mulher por sua vez, são impostas condições que as colocam em posição de subordinação e inferioridade, em uma cultura machista, lugar de mulher é na cozinha, servindo ao seu marido e cuidando dos filhos enquanto ele sai para trabalhar e exercer seu papel de "homem". Nesta perspectiva, à mulher são direcionadas expectativas que giram em torno da heterossexualidade e da maternidade compulsória e da casa como um lugar feminino. Além disso, por serem garotas supõe-se que devem estar sempre cheirosas, com as unhas bonitas e cabelo arrumado. "Educadas para servir e agradar sempre, em especial aos homens" (FELIPE, 2000, p. 119).

Condutas machistas são enraizadas na sociedade, imposições de gênero podem ser percebidas em questões relacionadas ao trabalho, uma vez que o patriarcado denomina que

existem atividades específicas para elas, como empregada doméstica, babá, cozinheira, entre outras funções. “A divisão do trabalho que se estabeleceu entre os sexos atribuiu o cuidado do lar para a mulher, função, quando não invisível, tida como de pouco valor social” (SOUSA; GUEDES, 2016, p. 125). Desse modo, percebe-se como as profissões menos valorizadas socialmente costumam ser destinadas às mulheres.

A sexualidade feminina também é vítima do controle advindo do sistema patriarcal/machista, no qual estabelece que elas nasceram para ser mães, também tendo seu órgão genital reduzido a mera reprodução. Todavia, quando este indivíduo se contrapõe a esse padrão de feminilidade, não priorizando a maternidade, seja por escolher em determinado momento de sua vida estudar e/ou trabalhar, ou simplesmente não desejar ter filhos/as, quaisquer que seja o motivo, tem a sua decisão julgada, pois diante dessa sociedade a mulher precisa reproduzir para ter a sua existência validada pelo machismo, seja para realizar um desejo do marido ou validar esse discurso imposto socialmente. Dessa forma, compreende-se que

> [a] base econômica do patriarcado não consiste apenas na intensa discriminação salarial das trabalhadoras, em sua segregação ocupacional e em sua marginalização de importantes papéis econômicos e político-deliberativos, mas também no controle de sua sexualidade e, por conseguinte, de sua capacidade reprodutiva. Seja para induzir as mulheres a ter grande número de filhos, seja para convencê-las a controlar a quantidade de nascimentos e o espaço de tempo entre os filhos (SAFFIOTI, 2015, p. 113).

Sendo assim, compreende-se que há um sistema econômico juntamente com patriarcado que além de desvalorizar a figura feminina profissionalmente, tenta exercer poder sobre sua maternidade. Entende-se, que tais formulações destinadas à construção da identidade de meninas desde a infância até a fase adulta, constituem-se como formas de violência, uma vez que têm pouco ou nenhum poder de escolha sobre suas vontades, apenas seguem mandamentos determinados socialmente, limitando as suas potencialidades e afetando a forma como as mesmas construirão seus posicionamentos e enxergarão o mundo. “As mulheres são socializadas para conviver com a impotência” (SAFFIOTI, 2015, p. 89). Nessa lógica, a impotência pode vir diante de um/a professor/a que colabora com o sistema vigente ao ser um/a agente do silenciamento das meninas.

Consciente ou inconscientemente, docentes reproduzem comportamentos machistas frente às turmas, mesmo havendo àqueles que buscam se distanciar de práticas e discursos violentos, há quem insiste em provocar e/ou potencializar o silenciar da voz de alunas. “Por voz não me refiro apenas à voz em sentido literal — o som produzido pelas cordas vocais nos ouvidos dos outros —, mas à capacidade de se posicionar, de participar, de se experimentar e

de ser experimentado como uma pessoa livre com direitos" (SOLNIT, 2017, p. 31). Tal silêncio não significa necessariamente manter-se calado, sem proferir o tom de sua voz, mas de ter sua subjetividade anulada perante situações do cotidiano escolar e isso acontece quando esses/as profissionais tentam impor poder sobre os corpos das alunas/crianças, seja através da forma como conduzem brincadeiras, fazendo distinção de gênero, reprodução de frases como "engole esse choro", "sente-se como menina", "é feio menina chorando", são exemplos de silenciamento.

Outro ponto que merece ser mencionado é sobre o silenciamento de meninas negras na escola, as quais além de serem vítimas da violência de gênero, convivem constantemente com o racismo. Essas garotas tendem a ter uma fase dolorosa durante a trajetória escolar, período em que costumam ser alvo de atitudes discriminatórias por parte de colegas de turma e até pelos profissionais que ali trabalham, afinal a escola pode ser um local traumatizante para muitas delas. A falta de afetividade por parte do/a docente, subestimação da capacidade intelectual, comentários preconceituosos sobre sua aparência, são algumas formas como a violência é manifestada, por conseguinte suscitando no silenciamento das alunas. Dessa forma, "essas crianças tenderiam a desenvolver uma relação difícil, dolorosa mesmo, tanto com a escola como instituição, quanto com a aprendizagem propriamente dita, encontrando muito mais obstáculos para atingir o sucesso escolar que as crianças percebidas como brancas" (CARVALHO, 2023, p. 278).

Parece contraditório a escola ter como umas de suas funções ensinar e abordar questões sobre o respeito à diversidade e ao mesmo tempo ser um estabelecimento onde pessoas instruídas academicamente reproduzem comportamentos preconceituosos, no entanto, seria ilusório pensar que situações como essas não acontecem. A título de exemplo, pode-se mencionar quando há apresentações artísticas onde é preciso selecionar uma menina para representar o papel de princesa e comumente opta-se por garota de pele clara, cabelo liso, corpo magro, ainda que existam a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e a Lei 10.639/2003, que estabelecem o ensino obrigatório do estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena, o que poderia fazer com que os/as docentes repensassem os padrões exigidos pela sociedade (BRASIL, 1996; BRASIL, 2003).

O silenciamento, forma de violência, é revelado sutilmente, isso porque condutas racistas são naturalizadas na sociedade a ponto de passar despercebida ou ignorada. Segundo uma pesquisa realizada pela Inteligência em Pesquisa e Consultoria Estratégica (IPEC), na qual duas mil pessoas foram ouvidas e tiveram que responder sobre como percebem o racismo. Teve como resultado de uma parte da investigação, que o preconceito racial pode ser sinalizado tanto

explicitamente quanto veladamente, sendo assim, dois dentre outros resultados do interrogatório mostram as seguintes porcentagens: “42%, no tratamento desigual” e “22%, na exclusão, isolamento e desprezo de um grupo de pessoas” (G1, 2023, s/p). Diante das respostas, reflete-se que há várias maneiras de ser violento/a com uma menina negra, seja através de um tratamento diferente como, não querer conversar, brincar, fazer amizade com elas ou até mesmo um olhar que remete a sentimentos de nojo, raiva, dó, desprezo, sem qualquer motivo aparente.

3.1 SISTEMA PEDAGÓGICOS ABORDADOS

Vale destacar que tais comportamentos mencionados ao longo da escrita/leitura deste trabalho são produtos e resultados de uma pedagogia, conceito que não pode ser limitado às escolas, mas relacionado a aprendizados adquiridas no cotidiano em qualquer espaço/tempo, onde sua concepção vai se transformando no decorrer da vida podendo ter variadas interpretações. Sendo assim,

> [..] a pedagogia procura responder às exigências que cada tempo coloca para a produção de tipos de sujeitos que lhe correspondam, levando adiante o mundo em que vivem, adaptando-se a ele. Ela envolve um conjunto de saberes e práticas que cada indivíduo é incitado a fazer operar sobre si para tornar-se sujeito de determinados discursos (CAMOZZATO, 2014, p. 575).

Desse modo, entende-se por pedagogia o conhecimento assimilado de acordo com o meio que se vive, seja na escola, no âmbito familiar, no trabalho, na conivência com amigos, colegas, *etc.*, a todo instante estamos aprendendo algo que conscientemente ou inconscientemente nossos pensamentos e comportamentos acabam sendo interpelados por cada situação que acontece habitualmente. Ademais, as pedagogias vão sendo transformadas conforme cada década/século da vida das pessoas.

O patriarcado, o racismo, o machismo são algumas das pedagogias deste trabalho, as quais tentam fixar formas de agir e pensar dos sujeitos a fim de orientar e sugerir que as garotas sejam calmas, caladas, comedidas, retraídas, visto que ter esses tipos de condutas são enxergadas como sinônimo de ser uma boa mulher, “menina de verdade” e por isso elas acabam cedendo a essas pedagogias. Estas, operam através de artefatos como desenhos, filmes, novelas, mídia, etc., reproduzindo cenas, discursos que colocam a figura feminina numa posição de

submissão, a exemplo disso tem-se as propagandas de venda de brinquedo que direcionam objetos como fogão, casinha de boneca, como sendo para as meninas. Enquanto para os meninos são indicados carros, bola, videogame, produtos que remetem a força física, habilidade e agilidade. A vida dos meninos é no espaço público, cheio de emoção e ação, enquanto das meninas ocorre no espaço privado, não apenas doméstico, mas também de privação.

A cultura infantil sofre com a pouca representatividade de artefatos para crianças negras. Na classe dos brinquedos, existe uma das bonecas mais famosas do mundo, a Barbie de cabelo loiro e liso, corpo *slim*, nariz pequeno e levemente empinado, em sua paleta de cores predomina-se a rosa. (ROVERI; SOARES, 2011). Essa e outras bonecas seguem este protótipo, logo, crianças que não se encaixam nesses aspectos físicos acabam por não se sentirem representadas, internalizando que o único ideal de beleza seja esse vendido pela indústria, e por mais que existam bonecas pretas, elas contêm traços corporais da branquitude (CASTELAR *et al.*, 2015).

A frase "lápis cor de pele" é uma pedagogia bastante falada durante a infância e na escola. O que nos leva a questionar: que cor de pele seria essa? Branca, preta, azul, amarela, verde, rosa? Tal frase costuma ser associada à cor bege, rosinha claro ou salmão, percebendo então que há uma naturalização de um determinado tom de pele. Para algumas crianças "[o] lápis "cor de pele" é cor vista como bela, que deixará seu desenho bonito e qualquer coisa fora desse padrão é intitulada de borrão, ou sujeira" (PINHO *et al*., 2017, p. 124). Outra frase comum de ser falada/ouvida é "cabelo ruim", designado para se referir aos cabelos afros e cacheados, falas como essas fazem parte de um racismo velado que se perpetua em diversas esferas sociais inclusive na sala de aula por alunos/as e profissionais da educação. Todos os exemplos deste parágrafo funcionam como pedagogia porque ensinam o aceitável, o correto, o modelo, bem como podem contribuir para a violação das meninas que são colocadas, mesmo que indiretamente, no outro polo, do inaceitável, do errado, do fora do modelo.

O/a professor/a pode ter sido interpelado/a pôr essas pedagogias machistas, racistas e leva-las no seu trabalho na sala de aula, endossando as violências e propiciando o silenciamento discente. O professor e a professora podem ser vítimas na sociedade, por conta da sua classe social, gênero, profissão, mas na sala de aula se torna algoz. Paulo Freire analisa que "quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor" (FREIRE, 1987, s/p). Nesse sentido, o indivíduo que em um dado momento de sua trajetória de vida, que se sentiu oprimido poderá se tornar o opressor, pois sem uma educação que não seja libertadora, este ser terá a tendência de não buscar o fim desse sistema, mas sim de fazer parte do grupo dos opressores. Por isso a importância de uma educação que estimule o pensamento crítico e reflexivo frente a

questões sociais, podendo libertar o indivíduo de opiniões do senso comum envolvendo padrões ditados socialmente e assim se tornando capazes de refletir sobre seu entorno.

O silenciamento de meninas também é resultado da pedagogia dos gêneros, pois ensina através de castigo físico, moral, psicológico, intelectual, opressão, intimidação, que elas devem silenciar suas dores, suas identidades em prol de um sistema patriarcal/machista que espera uma mulher obediente, boa mãe, boa esposa, boa filha, boa aluna, etc. Desse modo, dirigir e silenciar corpos femininos, moldar a subjetividade e identidade em detrimento de uma "verdade universal" fazem parte de uma pedagogia, podendo ter como resultado o silenciamento das vítimas.

As pedagogias desse trabalho também são culturais, ambas capazes de proferir ensinamentos que interpelam nas pessoas de diferentes maneiras a depender do lugar em que ele/ela está inserido/a. Isso significa que cada lugar possui pensamentos, linguagens e comportamentos próprios da cultura local, refletindo em postura e ideologia de pessoas que ali moram ou moravam.

> [S]e a pedagogia está implicada nas operações que fazem parte da produção das pessoas, ela encontra-se, centralmente, também em contínua relação com a cultura. Contudo, essa relação não deixa de implicar, do mesmo modo, em aprendizagens que se dão sobre atuações sobre si mesmo, produzindo tanto ideias quanto comportamentos" (CAMOZZATO, 2014, p. 585).

Isso quer dizer que, assim como a cultura tem o poder de contribuir na construção da subjetividade e identidades de sujeitos, a pedagogia também tem. Ambas produzem ensinamentos e impregnam suas culturas no indivíduo. Por isso, o patriarcado, o machismo, a violência, são considerados pedagogias culturais uma vez que estão presentes na vida de pessoas desde que nasceram, seja através de artefatos culturais ou outros meios como a escola e a família, apenas para citar dois exemplos.

3.2 O IMPACTO DO PATRIARCADO NA FORMAÇÃO DE IDENTIDADES DE MENINOS/HOMENS

Até o presente momento de leitura/escrita desta monografia, foi abordado o quanto o machismo, patriarcado, pedagogias culturais afetaram e afetam a vida de meninas até mesmo antes de nascer. Acontece que meninos/homens também são atingidos por esse sistema

estrutural machista, o qual espera deles postura de “macho”, como é falado popularmente, exigindo que sigam um modelo de masculinidade agressiva, grosseiro, que não aceita ter uma esposa que trabalhe fora de casa, bate em mulher, não chora, não demonstra fragilidade, pois diante dessa cultura demonstrar fraqueza é “coisa de menina”. “O modelo de masculinidade definido correspondeu a padrões já consolidados ao longo da história e que são estereótipos do ser ‘machão’ – aquele que age com firmeza, virilidade, honra, agressividade e, por vezes, violência” (FAGUNDES, 2023, p. 6).

Sendo assim, o machismo não é violento apenas com meninas, mas também com os meninos, uma vez que, são atribuídos a eles padrões de comportamentos a serem seguidos a fim de tornar legítima sua masculinidade. Entretanto, nem todo menino gosta de brincar de bola, carrinho, montar a cavalo, nem tem a cor azul como preferida, há aqueles que gostam de brincadeiras que culturalmente são associadas as meninas, como cantigas de roda, pular elástico, casinha de boneca, preferem a cor rosa em vez do azul ou preto, contrariando o que se espera de um menino/homem, segundo a cultura machista. O autor Baliscei, Maio e Calsa (2016), relata ter feito uso do que ele denomina de Pedagogia do Disfarce, pois era uma criança que se identificava com o universo feminino, mas sentia estranheza por parte dos adultos quando demonstrava interesse em artefatos direcionados às garotas. Então, em seguida será citado uma de suas falas para exemplificar como isso ocorria:

> Não brincava de casinha, pois “homens não brincam de casinha”. “Homens são chefes de cozinha” e, portanto, brincava de restaurante e assim podia cozinhar e arrumar a mesa. Não colecionava adesivos e imagens já que “homens não são sensíveis e delicados” pois “homens são criativos”. Assim, produzia e colecionava meus próprios desenhos e neles eu podia criar e colecionar o que quisesse (BALISCEI; MAIO; CALSA, 2016, p. 288).

Diante desse relato, compreende-se maneiras de se aproximar daquilo que se identifica, a fim de não receber palavras de julgamento e olhares de estranhamento das outras pessoas, as quais tentam fixá-los em lugares e interesses que não fazem parte de sua real identidade. Dessa forma, pessoas contaminadas pelos moldes sociais impostos pelo machismo, acabam reproduzindo comportamentos que silenciam outras pessoas, violentando, mesmo que involuntariamente, a forma de ser e agir do outro, colocando-os em um “disfarce", assim como se refere o autor.

A sexualidade do menino/homem também é posta à prova, isso acontece quando ainda criança, adultos pronunciam: “esse vai dar trabalho quando crescer”, “seja homem”, “cadê as namoradinhas?”. Frases como essas estimula o indivíduo a estar numa posição de ter que provar

sua masculinidade, no qual "ser homem" se resume a se relacionar com muitas mulheres, não respeitar a namorada/esposa, pois segundo discursos machistas, trair é da "natureza" do sexo masculino. Afirma-se isso quando citam um dos conceitos machistas construído culturalmente, onde "[...] homens precisam ser viris e desempenhar sua sexualidade exageradamente. Nessa lógica, quanto mais parceiras tiverem, e quanto mais transitórias forem, maiores serão a popularidade e o reconhecimento dos indivíduos masculinos entre seus pares" (BALISCEI, *et al.*,p. 295). Tais concepções querem convencê-los a prosseguir com esses e outros padrões de atitudes, a fim de comprovar sua virilidade corroborando para a construção de masculinidades tóxicas que "diz respeito ao fato de o homem não só praticar ações nocivas e destrutivas consigo, com o outro ou com as coisas do mundo, como também considerar isso como normal e incentivar, propagar, defender ou manter tais práticas" (OLIVEIRA; SANTOS, 2022, p. 138).

Os eixos família e escola acabam por sua vez reforçando estereótipos como esses, assim como fazem com as meninas também ocorre com os meninos, seja através de frases aparentemente inofensivas as quais pedem para criança "agir feito homem", "não chora, pois é feio homem chorando" ou ainda por meio de exemplos da família e dos livros didáticas, que reforçam a métrica heterossexual como norma. Esses tipos de insinuações reprimem, geram medo, fraquezas, guardando para si suas angústias, sua real maneira de se comportar, sentir, por receio de comentários preconceituosos vindos até mesmo de colegas de turmas, pois provavelmente foram interpelados por essas pedagogias (BALISCEI; MAIO; CALSA, 2019).

No ramo profissional o machismo também se faz presente, uma vez que o patriarcado direciona o que é profissão para homens e mulheres. Cursos como engenharia civil, direito, medicina, arquitetura, licenciatura, esporte futebolístico, são associados como pertencentes a meninos/homens. Porém, nem todos querem seguir esses caminhos, tendo preferência por fazer parte de outras áreas como a moda, em ser cabeleireiro, maquiador, docente, entre outras opções de trabalho tradicionalmente designadas ao sexo feminino. Tais questões nada mais são que estereótipos formados ao longo da vida e, "[e]sses estereótipos moldam as relações de ocupações e carreiras, uma vez que no mercado de trabalho as habilidades mais valorizadas são as ditas masculinas e, para a realização de cuidados da família e do lar, as características consideradas femininas são mais valorizadas" (PESSOA; VAZ; BOTASSIO, 2021, p. 4). Percebe-se então que nem mesmo as profissões escapam de serem generificadas.

Outrossim, enquanto o patriarcado/machismo espera que a mulher ocupe cargos considerados inferiores e com remuneração baixa, aos homens se presume o contrário. Espera-se posições de prestígios e com salário superior ao de uma mulher. Em outras palavras, "[..] profissionalmente, espera-se dos homens que sejam bem-sucedidos, poderosos e que construam

uma carreira ambiciosa e ascendente capaz de garantir o sustento de suas famílias" (BALISCEI; MAIO; CALSA, p. 295-296). Nesse sentido, há expectativas sobre os lugares em que eles devem ocupar na sociedade e sobre suas funções enquanto homem, inculcando em seus pensamentos que eles são os únicos responsáveis por prover os seus lares e que delegação de alto prestígio social seja indicado para serem exercidos apenas por pessoas do sexo masculino.

Destarte, como já foi mencionado, o machismo prejudica tanto os homens quanto as mulheres, distinções de gênero e as formas de tentar encaixá-los em lugares de "certo" e "errado", faz com que essas pessoas sejam violentadas, silenciadas. Todavia,

> [o] machismo não costuma matar homens. (a não ser que esse homem beije outro homem no meio da Avenida Paulista). O machismo prefere matar mulheres. O machismo odeia todas as mulheres que não se encaixam em seu asqueroso e pobre padrão. Mas também odeia os homens que não correspondem às suas tristes expectativas. E reprime-os. Julga-os. Condena-os. Não os mata com armas de fogo, não os espanca no chão da cozinha, não os violenta nos becos escuros. Mas mata, sim, a cada dia, um pouco das sua liberdade, da sua paz, dos seus sonhos (ESTADÃO, 2016, s/p).

As referidas normas culturais advindas da estrutura patriarcal conseguem ser maléficas para ambos/as. Apesar disso, a magnitude e crueldade desse sistema afeta mais drasticamente a vida de mulheres. Todavia, não anula o fato deles também serem atingidos pelas expectativas sociais e culturais criadas sobre eles, as quais tentam impedir a sua liberdade em demonstrar suas emoções e fraquezas enquanto ser humano, instigando-os a nutrir sentimento de superioridade sobre as mulheres, seja intelectualmente, profissionalmente e emocionalmente, consequentemente construindo em si uma identidade tóxica.

3.3 O PROTOGANISMO FEMININO NA QUEBRA DE PARADIGMAS DE ESTEREÓTIPOS DE GENÊRO

Faz-se necessário observar que nem só de violência foi/é a vida da menina/mulher, mas também de conquistas, apesar de ainda existir um sistema cultural machista em diversas áreas da vida social as quais tentam rotular, inferiorizar as mulheres, a partir do século XIX elas foram adentrando em espaços que antes não eram tolerados.

Desde os séculos primitivos o patriarcado impõe definições de papéis que homens e mulheres deveriam desenvolver na sociedade. Enquanto eles eram sinônimo de autoridade, elas

eram de submissão, subordinação, humilhação, não direito a voz, além de serem controladas por figuras masculinas. Com a educação não foi diferente, as mulheres aprendiam a ser boa dona de casa, esposa e mãe exemplar, enquanto o ensino escolar era destinado prioritariamente a pessoas do sexo masculino "[...], porém, recentemente ultrapassaram os homens em todos os níveis educacionais, inclusive mestrado e doutorado. As mulheres brasileiras, atualmente, constituem cerca de 60% das titulações em grau universitário (ALVES, 2016, p. 631). Desse modo, o que antes era restrito a um determinado grupo de pessoas foi sendo ampliado no decorrer da construção histórica.

No decorrer do tempo, incontestáveis e persistentes lutas abriram-se espaços para o protagonismo da mulher, tais mudanças oportunizaram que ao gênero feminino, antes tão submisso, adentrasse em diferentes setores do mercado de trabalho. Esse fato contribuiu para que as mulheres, numa constante independência, se tornassem detentoras do seu próprio dinheiro e provedoras de seus lares, descaracterizando assim o cenário majoritariamente liderado por homens. Diante disso, essa configuração foi se transformando ao longo dos séculos e a mulher passou a também chefiar os lares e, com novas oportunidades, elas passaram a estudar, possibilitando a "elevação do número de mulheres no mercado de trabalho e maior presença nos espaços de poder e nas funções de liderança nas esferas pública e privada" (ALVES, 2016, p. 630).

No século XXI, ainda é muito comum ouvir de pessoas que "lugar de mulher é na cozinha", no entanto, o mundo ocidental passou por diversas transformações e algumas delas foi ver mulheres atuando em funções que historicamente foram dominadas por homens, como cargos políticos, de chefia e da mídia. Nesse cenário, pode-se citar algumas profissões que também passaram a ser lideradas por elas como, apresentação de jornal de televisão, sendo médicas, arquitetas, administradoras, advogadas, entre outros setores (SAMARA, 2002).

Outra alavancada conquista foi ter no Brasil a primeira mulher eleita Presidenta da república, sendo um marco na construção do protagonismo feminino e redução das desigualdades entre gêneros. No seu primeiro dia de posse, a então eleita fez questão de destacar em seu discurso: "[a] igualdade de oportunidades entre homens e mulheres é um princípio essencial da democracia. Eu gostaria muito que os pais e as mães das meninas pudessem olhar hoje nos olhos delas e dizer: 'Sim, a mulher pode'" (G1, 2010, s/p).

Legalmente, a mulher teve algumas conquistas e uma delas foi ter registrado na Constituição Federal de 1988, uma lei que visa assegurar proteção de igualdade entre os gêneros, sendo este o cap. I, art. 5º, inciso I que diz:

> [t]odos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: I - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição (BRASIL, 1988).

Mesmo sabendo que nem sempre foi/é assim, ter a igualdade de direitos comuns a cidadania entre os sexos masculino e feminino garantidos na Constituição, foi um marco para descortinar outras oportunidades de a mulher adentrar em espaços que antes não eram permitidos. Sendo assim, abrindo outras possibilidades de conquistas, uma vez que, tendo a igualdade de direitos prescrita na Carta Magna, a qual estabelece que ambos devem ter as mesmas responsabilidades, obrigações, oportunidades e condenando qualquer rotulação e imposições hierárquicas, tornam-se possíveis outras evoluções.

A falta de acesso à educação escolar e ao mercado de trabalho faz com que esse grupo social se torne dependente financeiramente de seus pais, esposo ou qualquer outra figura masculina. Situação essa, que as obrigam a conviver com famílias violentas, que lhe privam de liberdade, como também permanecer em relacionamentos abusivos, pois a falta de escolaridade e emprego digno, não as oportuniza, nem encoraja a buscar meios de se tornarem independentes. Entretanto, como alerta Federici (2021), o trabalho remunerado não libertou as mulheres do trabalho doméstico. Outro progresso foi a lei Maria da Penha, criada para proteger a mulher de qualquer forma de agressão física ou moral e coibir a misoginia, assegurando-lhes direito a liberdade, acesso a condições de hábitos comum a vida humana como moradia, educação, saúde, esporte, dignidade, *etc*. (BRASIL, 2006).

Tais melhorias desbravadas ao longo dos séculos, não significa que não existam desigualdade entre os gêneros, mas que com os progressos surgidos, é como se elas ganhassem "voz", independência, autonomia, direito à liberdade e assim se sentirem capazes de tomar decisões importantes, dominar sua própria vida e fazer suas escolhas de forma livre. Seja em querer ser mãe ou não, fazer curso, vestir roupas que se identificam e frequentar locais que desejarem. Esses são exemplos de liberdade que por mais simples e mínimo os quais possam parecer são grandes avanços na vida de uma mulher.

3.4 DOCENTE SILENCIADO/A: NOVO SILENCIADOR/A?

Foi visto durante a escrita/leitura desse trabalho, que os/as docentes têm responsabilidades na forma como conduzem as aulas e tratam os/as alunos/as, em especial as meninas, recorte principal desta monografia. Educadores/as exercem forte influência na maneira que o educando enxerga a si mesmo, despertando tanto sentimentos bons quanto ruins.

A partir do momento que o/a docente entra na sala de aula, estará levando consigo não apenas seus conhecimentos acadêmicos, mas também seus costumes, culturas, dores, angústias, alegrias, que formaram sua identidade ao longo da vida. Desse modo, mesmo que estejam em constante evolução, há condutas embutidas sobre eles/elas que poderão ser manifestadas em algum momento/situação do seu trabalho na escola. Sendo assim, os/as docentes mesmo não tendo consciência instantânea sobre suas atitudes, têm o poder de deixar marcas na vida do alunado sejam elas positivas e/ou negativas. Quando essas marcas são positivas podem estimular a aprendizagem e gerar boas memórias sobre a época da escola, entretanto, quando negativas podem fazer com que as recordações das alunas não sejam agradáveis em relação aos professores/as. Desse modo, "[à]s vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à do educando por si mesmo" (FREIRE, 1996, p. 23).

Nas seções anteriores foi discutido o quanto o meio e a cultura que vivemos exercem influência sobre nossa identidade, desde que nascemos e até antes mesmo disso acontecer. Nesse sentido, por trás de cada professor/a existe um ser que passou por experiências na vida, as quais contribuíram na forma como enxergam o mundo e lidam com cenários costumeiros. Por exemplo, um/a docente que teve sua autoestima ferida, identidade silenciada, subestimada, desprezada, ignorada, poderão tornar-se educadores/as que depositarão suas frustrações em alunas, efetuando com elas aquilo que um dia fizeram consigo, seja consciente ou inconscientemente.

Por isso, é importante destacar nesse trabalho, que aqueles/as professores/as, os/as quais teve/têm condutas violentas contra alunas, corrigindo-as, fazendo distinção entre os gêneros, privilegiando os meninos em detrimento das meninas e consequentemente corroborando no silenciamento das mesmas, esses/as profissionais não são totalmente algozes, mas sim, resultado/fruto do sistema patriarcal que os/as violentou antes, então eles/elas fazem de alguma maneira com que o círculo vicioso da violência se permeia. “A vítima de abusos físicos,

psicológicos, morais e/ou sexuais é vista por cientistas como indivíduo com mais probabilidades de maltratar, sodomizar outros, enfim, de reproduzir, contra outros, as violências sofridas" (SAFFIOTI, 2015, p. 18). Nesse sentido, pessoas que já foram violentadas, seja qual for o tipo dessa violência, tendem a se tornarem pessoas com atitudes opressoras, silenciadoras, violentas, as quais um dia também já foram vítimas.

Educadores/as que vieram de uma cultura os/as quais aprenderam que a menina/mulher tem que seguir padrões de feminilidades para fazer jus ao seu sexo, e não conseguiu reverter essa visão ultrapassada, tem a possibilidade de expandir essas crenças para sala de aula. Seja ao pedir para que sua aluna sente igual uma garota, repreenda-a quando esta falar mais alto, fazendo rotulações sobre os âmbitos onde elas devem ocupar na sociedade, através de dinâmicas, peças teatrais e brincadeiras que conduzem a figura feminina a achar normal estar em posições, lugares de inferioridade, fragilidade, sem voz ativa. Sendo assim, será utilizado como exemplo um comentário descrito por docente com rotulações generificadas:

> [a] agitação das meninas é caracterizada pelas conversas em alto tom de voz (“tem umas que têm uma goela que eu vou te contar!”), brigas e fofocas. Esse modo de descrever o comportamento das meninas contribui para fragmentar a noção de feminilidade – há meninas que são obedientes, passivas e conformadas às regras, portanto, bem-comportadas, assim como há meninas agitadas, que desafiam as regras (estas seriam malcomportadas?) (DAL'IGNA, 2007, p. 260).

Nesse ínterim, percebe-se que o comportamento de meninas na sala de aula é retratado de maneira estereotipada, analisado como natural de seu sexo. Essas ideias preconcebidas estão integradas na cultura desse/a professora que acabam levando-as para o interior das paredes escolares. Nessa perspectiva, tais maneiras de caracterizar as alunas contribuem para sustentar as desigualdades e legitimar aquilo que a estrutura machista pensa/propõe sobre/para a menina/mulher.

As formas como educadores/as avaliam as meninas também é fruto de um estigma enraizado em si próprio. Isso acontece quando a maneira com que os resultados negativos de alunos e alunas acerca do desenvolvimento escolar e a dificuldade na compreensão das atividades são justificadas de modos diferenciados, por exemplo, aos meninos explica-se o mal resultado escolar como efeito da desatenção, distração, inquietude, vistas por docentes como algo natural de seu sexo. Enquanto o motivo para a falta de desempenho escolar das meninas é descrito como fruto de sua incompetência intelectual. Tais rotulações só reforçam a ideia imposta pela sociedade de que existe um ser superior ao outro, e que estão impregnadas na característica de ser e agir de docentes (DAL'IGNA, 2007).

No entanto, esse/a profissional tem um papel importante na desmistificação de diferenças entre os sexos, embora ele/ela tenha que desconstruir aquilo que está interpelado em si próprio. Na obra, Pedagogia da Autonomia, tem-se uma passagem que pode ser utilizada como referência para entender o papel do professor/a:

> "[...] meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da História mas seu sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, *constato* não para me *adaptar* mas para *mudar*" (FREIRE, 1996, p. 40).

Analogamente, assim como o/a professor/a tem significativo papel social fora da escola, dentro dela isso se potencializa, pois, este lugar é um dos pilares para formação de indivíduos enquanto cidadãos. Sendo assim, o/a docente enquanto sujeito social, profissional e com uma carga de influência expressiva na construção da identidade do educando, devem ser capazes de perceber em si próprio ideologias, conceitos e práticas ultrapassados, estigmatizados e se permitir desconstruí-los a fim de colocar as mudanças em prática nas diferentes situações que vier a ocorrer na instituição de ensino. E assim, atuar de forma concreta e incisiva na sua relação com o alunado para uma constante busca de equidade de gênero, respeito, etc.

Outro ponto, caso o/a professor/a tenha como referência de ensino um modelo autoritário, onde aprendeu que para educar é preciso fazer uso de violência, seja ao pedir para que o educando se ajoelhe no milho, faça comparações, comentários depreciativos sobre sua aparência e/ou desestimule sua capacidade de compreender os assuntos, humilhe na frente de outras pessoas como forma de educar, estará esse/a docente se tornando algoz daquilo que foi interpelado por ele/a, acarretando nesse/a aluno/a em vez de respeito, o medo de se expressar, interagir, de ser quem realmente é. Nesse ínterim, "[f]eridas do corpo podem ser tratadas com êxito num grande número de casos. Feridas da alma podem, igualmente, ser tratadas. Todavia, as probabilidades de sucesso, em termos de cura, são muito reduzidas e, em grande parte dos casos, não se obtém nenhum êxito" (SAFFIOTI, 2015, p. 19). Isso quer dizer que o resultado dessas violências pode se eternizar nas crianças se tornando lembranças traumatizantes e angustiantes de serem lembradas.

A violência que chega até essas meninas através das atitudes de educadores/as tem sua semente no passado, como já foi mencionado nesse trabalho. Em uma pirâmide composta por cultura, machismo, patriarcado, onde o silenciamento de suas vozes já se fazia presentes, com crenças incutidas que atravessam gerações, lugares, famílias, meios de comunicação, moldando a identidade da sociedade. Segundo Solnit (2017, p. 37) "[a]s mulheres foram silenciadas nas casas de Deus. Em Coríntios 1,14.34, Paulo determinou: "estejam caladas as mulheres nas

assembleias, pois não lhe é permitido tomar a palavra". Desse modo, não só na casa de Deus a menina/mulher é silenciada, mas em vários âmbitos de sua vida, sendo uma delas a escola. Professores/as, assim como Paulo determinou, silenciam suas alunas de modo que rebaixam, intimidam, envergonham, inculcam ideias, depositando suas feridas, frustrações, pensamentos que neles/nelas foram interpelados/as. Logo, deixando marcas capazes de transformar uma garota que não tinha problema de autoestima, seja física e/ou intelectual, em uma menina que não acredita em seu potencial, nutrindo em si sentimentos de inferioridade. Logo, refletindo negativamente em seu rendimento escolar, na forma como se sente e vê o mundo, podendo se perpetuar até a fase adulta e posteriores.

Desse modo, mesmo que formas violentas, silenciadoras, machistas, com que educadores/as agem com discentes sejam resultado de feridas os/as quais foram submetidos/as, não anula o fato deles/as terem responsabilidades na maneira que suas ações refletem no sujeito que ensina. Como já foi mencionado durante o processo de escrita desse trabalho, a timidez das meninas pode ser fruto da violência docente, podendo deixar marcas inesquecíveis e de difícil cicatrização. Por isso, esse/a profissional tem que ter cuidado ao conduzir seus ensinamentos, posicionamentos e abordagens perante as situações e relações que acontecem cotidianamente na sala de aula. Paulo Freire (1996) comenta: "[s]aber que não posso passar despercebido pelos alunos, e que a maneira como me percebam me ajuda ou desajuda no cumprimento de minha tarefa de professor, aumenta em mim os cuidados com o meu desempenho" (p. 50). Nesse sentido, entende-se que o professor/a pode ser, enquanto um ser que dá e recebe conhecimento, responsável por conduzir turmas e lidar com as relações do cotidiano escolar, analisar sua postura a fim de rever suas práticas e condutas negativas a ponto de conseguir melhorá-las, desse modo passando constantemente por um processo de autocrítica profissional.

Diante do que foi exposto durante o processo de produção dessa pesquisa, compreende-se a existência de uma sociedade com opressores/as e oprimidos/as, podendo este segundo se tornar o primeiro, gerando a continuidade de uma cultura patriarcal, machista e silenciadora, construída com base num sistema misógino, formando novas vítimas em diversos setores da vida de um cidadão, pois são repassadas por gerações até a década presente e se fazendo parte das relações em casa, no trabalho, numa reunião, conversa com amigos/colegas, na mídia e afins. Paulo Freire analisa: "[q]uem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação?" (FREIRE, 1970, p. 17). Ao fazer um paralelo desse trecho, com o que já foi dito anteriormente e ao longo da construção desse trabalho, torna-se possível a compreensão de que qualquer

pessoa que tentasse/tenta escapar de um padrão social [ou foi empurrada para fora dele], automaticamente se tornava/torna um oprimido, logo, pessoas que estão nessa posição têm propriedade para abordar sobre como era/é viver em uma sociedade que te silencia e oprime apenas por querer ser e agir da forma como se percebe enquanto sujeito e pelo o que se identifica.

Portanto, a hipótese de que o patriarcado contribui com as marcações sociais no comportamento das meninas conseguiu fazer sentido a partir das correlações feitas durante o percurso de leitura e escrita desta monografia.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho pretendeu entender acerca da timidez das meninas como resultado da violência docente, para contribuir com áreas de pesquisa que têm relação com a timidez e violência, a partir da metodologia de pesquisa explicativa.

Para se atingir a compreensão do objetivo geral desta monografia acerca da timidez das meninas como silenciamento de gênero provocado por docentes, definiu-se dois objetivos específicos. O primeiro, tinha o intuito de indagar sobre a relação entre os fatores violência-timidez-silenciamento. No qual, compreendeu-se que esses três eixos fundantes se entrelaçam, uma vez que, ao abordar sobre a timidez de alunas foi possível verificar que esse traço particular do indivíduo pode ter relação com a violência sofrida por docentes. Isso quer dizer, meninas caladas, quietas, contidas, que têm medo, vergonha de se expressar, dificuldade em socializar e até relutância em estabelecer relação de afeto com o/a educador/a, são possíveis resultados de atos violentos cometidos pelos próprios profissionais da educação.

Também foi discutido que usa-se da violência para educar/corrigir as crianças, e mesmo havendo leis que abominam qualquer ato violento, seja física, moral ou psicológica contra crianças, elas continuam acontecendo, no entanto, de formas mais distintas às do passado, as quais utilizava-se milho e palmatória. Por isso, mesmo que não seja tão recorrente vermos professores/as fazendo uso dessas ações como forma de punir/educar, ainda assim é possível vermos notícias sobre uso de força física. No entanto, quando se trata da violência silenciosa e velada, estas são mais comuns, isso porque acabam passando despercebidas, ignoradas ou até normalizadas.

Ao aprofundar a pesquisa, percebeu-se que a timidez costuma ser associada ao bom comportamento das meninas, se são quietas são vistas como alunas exemplares, mas se forem agitadas são descritas como mal-comportadas. Entretanto, certificou-se que essa associação tem raiz na cultura do sistema patriarcal/machista, o qual desde o passado atribui a figura feminina características de fragilidade, quietude, docilidade, sem capacidade de voz ativa. Desta forma, durante as discussões foi possível refletir que para o patriarcado tais características são naturais desse grupo, mas na verdade elas foram moldadas/ensinadas a estarem em posições e agir de acordo com o que convêm para esse estado de subserviência ligados à feminilidade.

Além disso, vimos que desde criança as meninas são ensinadas que sua principal aptidão é cuidar da casa, servir ao marido e ter filhos, pois elas têm um “instinto maternal”. Quando crianças, itens de cozinhas vendidos como brinquedos direcionados às meninas, já faziam parte

do universo infantil, os quais podem ser chamados de artefatos que fazem parte dos “moldes de feminilidade” criados para elas. Também se compreendeu que aquelas meninas/mulheres que fugiam/fogem desses estereótipos, não aceitando estar em lugares de subordinação tendem a ser mal-vistas. Desse modo, notou-se que esse tratamento da sociedade com esse grupo de pessoas têm a intenção de mantê-las dentro de um padrão fixo construído social e culturalmente, fazendo-as temer não seguir os padrões idealizados para elas. Logo, ter seus corpos controlados não é algo recente, pois perpetua-se até a presente época da construção desse trabalho, século XXI.

A questão do gênero, machismo e patriarcado foi bastante discutida nesta pesquisa. Desse modo, entendeu-se que as tentativas do patriarcado em querer encaixar a menina/mulher em lugares de certo e errado, acabam as violentando mesmo sem precisar tocá-las fisicamente, pois ao impor limites sobre como agir, pensar, destinando lugares fixos, estará esse sistema sendo cruel e silenciador.

Ao longo da escrita/leitura desta monografia houve três contrapontos. O primeiro, de que meninos/homens também são vítimas do machismo/patriarcado. Vimos que isso pode ser explicado por que esse sistema impõe uma predefinição dos papéis e de atitudes, onde se espera comportamentos opostos ao que se presume para meninas, estimulando a eles falta de sensibilidade e inviabilizando a possibilidade deles se mostrarem vulneráveis. E aqueles que demonstram fragilidade ou interesse por artefatos do “mundo feminino”, tendem a ser vistos como “pouco homem”, pois não provaram sua virilidade.

Sendo assim, tal fato acaba interferindo na construção da identidade do menino/homem, fazendo-os se ver como superiores às mulheres, influenciando a terem condutas que lhe foram cobradas e impostas socialmente. Sendo assim, a intenção em expressar esse outro lado, não é retirar a culpa deles em casos graves de machismo, mas mostrar que todos/as nós fomos e somos interpelados pela cultura machista.

Outro contraponto foi mostrar a mulher em espaços de poder e de conquistas, a fim de expor não só o lado negativo de sua história, mas também suas conquistas sociais e legais. Por exemplo, o fato delas adentrarem em espaços dos quais eram impossibilitadas no passado, tendo maiores oportunidades no mercado de trabalho e consequentemente conquistando independência financeira, conseguindo operar em cargos de prestígio social e o direito de não querer ter filhos, são algumas delas. Porém, mesmo havendo avanços ainda existem desafios a serem enfrentados.

Por conseguinte, foi analisado o fato de docentes não serem totalmente algozes, uma vez que as ações negativas cometidas por eles/elas contra discentes, têm suas raízes no sistema

patriarcal/machista, pois possuem marcas fruto de violências, silenciamento, sucedendo de alguma forma na reprodução de suas atitudes e ideias que foram inculcadas em sua identidade enquanto cidadãos e assim gerando outras violências.

O segundo objetivo geral desta monografia foi problematizar os impactos da violência docente na vida das meninas. Diante das investigações, averiguou-se que as possíveis consequências na vida delas são: baixa autoestima, dificuldade em socializar, criar laços de amizades com a turma, de acreditar no seu potencial enquanto sujeito/estudante, baixo rendimento escolar, além de terem esses/as professores/as como referência negativa, podendo futuramente gerar más lembranças da época da escola e possivelmente influenciando no modo como reagirão a determinadas situações de sua vida. Desse modo, tais questões podem potencializar aquilo que aparentemente seria uma timidez.

Com isso, a hipótese desta respectiva pesquisa de que a timidez das meninas em sala de aula pode ser fruto de um sistema no qual a mulher teve que moldar seu comportamento para serem consideradas femininas, se confirmou porque através de estudos bibliográficos compreendeu-se que desde o passado o patriarcado/machismo socializaram elas para servir, cuidar, reproduzir e fazê-las acreditar que seus únicos papéis fossem esses e outros ligados a inferioridade e subordinação. Sendo assim, entende-se que a construção da sociedade foi pautada na ideia de que a menina/mulher era um ser inferior ao menino/homem, e apesar do mundo ter evoluído em diversos âmbitos, ainda existem resquícios culturais de patriarcado/machismo que atravessam áreas da vida das pessoas, como na escola, onde profissionais interpelados por essa civilização, cometem atos implícitos e/ou explícitos de violências, reforçando tais papéis na vida de meninas, que a fazem terem condutas de garotas “boazinhas”, “quietinhas”, podendo ser visto como tímida quando na verdade ela foi silenciada. Tal reflexão pode ser uma possível respostas para a pergunta-problema: “quais relações são possíveis entre a timidez das meninas, como silenciamento de gênero, com a violência docente? ”.

Diante dos resultados desta pesquisa, entende-se que são questões a serem discutidas a longo prazo, capazes de serem analisadas por diferentes óticas e interpretações a depender do sujeito que está pesquisando e sobre quais estudos terão como base para fazer as correlações.

REFERÊNCIAS

ACCORSI, Fernanda Amorim; KAZUKO, Teruya Teresa. A pesquisa como ato reflexivo de coragem e disputa por significado. **Textura: Revista de Educação e Letras**, Universidade Estadual de Maringá, v. 22, n. 49, p. 190-204, jan/mar 2022.

BALISCEI, João Paulo; MAIO, Eliane Rose; CALSA, Geiva Carolina. Um ovo azul e outro rosa: pedagogia Kinder e a construção visual dos gêneros e das infâncias. **Visualidades**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 284-315, 2016.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Presidência da República, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 20 out. 2023.

BRASIL. **Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 15 jul. 2023.

BRASIL. **Lei n.º 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: 31 out. 2023.

BRASIL. **Lei n.º 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 14 jul. 2023.

BRASIL. **Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 14 jul. 2023.

CAMOZZATOI, Viviane Castro. Pedagogias do Presente. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 39, n. 2, p. 573-593, abr./jun. 2014. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade. Acesso em: 03 set. 2023.

CARVALHO, Marília Pinto de. Mau aluno, boa aluna? como as professoras avaliam meninos e meninas. **Revista Estudos Feministas**, [S.L.], v. 9, n. 2, p. 554-574, 2001. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/s0104-026x2001000200013. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ref/a/qH3cM5GGSpN9pjnxFxJ3R6f/?lang=pt. Acesso em: 15 mar. 2023.

CARVALHO, Marília Pinto de. O fracasso escolar de meninos e meninas: articulações entre gênero e cor/raça. **Cadernos Pagu**, [S.L.], n. 22, p. 247-290, jun. 2004. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/s0104-83332004000100010. Disponível em:

https://www.scielo.br/j/cpa/a/qRmTmwBC9b7KPyYkWFv5YXG/?lang=pt. Acesso em: 25 mar. 2023.

CASTAÑEDA, Marina. **O machismo invisível**. Tradução Lara Christina de Malimpensa. São Paulo: Girafa, 2006.

CASTELAR, Marilda; LEMOS, Flávia Cristina Silveira; KHOURI, Jamille Georges Reis; ANDRADE, Thaís. Brinquedos e brincar na vida de mulheres educadoras negras. **Psicologia Escolar e Educacional**, [S.L.], v. 19, n. 3, p. 595-602, dez. 2015. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0193911. Disponível: https://www.scielo.br/j/pee/a/43YQZtr3Wrpmx8VrgjyJbNP/?lang=pt. Acesso em: 16 set. 2023.

DAL'IGNA, Maria Cláudia. Desempenho escolar de meninos e meninas: há diferença?. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 46, p. 241-267, dez. 2007. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/s0102-46982007000200010. Disponível em: https://www.scielo.br/j/edur/a/S9wBfPs63QTSXwMTXv5yz4P/?lang=pt. Acesso em: 15 mar. 2023.

ESTADÃO. **Donos de escola acusados de maus-tratos se entregam à polícia em São Paulo**. Disponível em: https://www.estadao.com.br/sao-paulo/justica-decreta-prisao-temporaria-de-donos-de-escola-acusados-de-maus-tratos-nprm/. Acesso em: 14 jul. 2023.

ESTADÃO. **O quanto o machismo também reprime os homens**: Somos todos suas vítimas. Disponível em: https://www.estadao.com.br/emais/ruth-manus/o-quanto-o-machismo-tambem-reprime-os-homens/. Acesso em: 21 out. 2023.

FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira Carvalho. MASCULINIDADES SAUDÁVEIS X MASCULINIDADES TÓXICAS. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, [S.L.], v. 34, p. 1076, 18 mar. 2023. Revista Brasileira de Sexualidade Humana. DOI: http://dx.doi.org/10.35919/rbsh.v34.1076. Disponível em: https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/1076. Acesso em: 20 nov. 2023.

FEDERICI, Silvia. **O patriarcado do salário:** notas sobre Marx, gênero e feminismo (v. 1). Boitempo Editorial, 2021.

FELIPE, Jane. INFÂNCIA, GÊNERO E SEXUALIDADE. **Educação e Realidade**, [*s. l*], v. 25, n. 1, p. 115-131, 2000.
FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
G1**. Ambiente escolar é o mais citado por brasileiros entre os locais onde já sofreram o racismo, diz pesquisa**. Disponível em: https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/08/15/ambiente-escolar-e-o-mais-citado-por-brasileiros-entre-os-locais-onde-ja-sofreram-o-racismo-diz-pesquisa.ghtml. Acesso em: 14 ago. 2023.

G1. **Caso Henry Borel**: veja como foram os testemunhos de defesa e acusação de jairinho e Monique. Disponível em: https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/12/16/caso-

henry-borel-veja-como-foram-os-testemunhos-de-defesa-e-acusacao-de-jairinho-e-monique.ghtml. Acesso em: 01 jul. 2023.

G1. **Leia a íntegra do pronunciamento da presidente eleita Dilma Rousseff**. Disponível em: https://g1.globo.com/especiais/eleicoes-2010/noticia/2010/10/leia-integra-do-pronunciamento-da-presidente-eleita-dilma-rousseff.html. Acesso em: 31 out. 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIMENEZ, Sandra Rosa Machado Luz; MADAZIO, Glaucya; ZAMBON, Fabiana; BEHLAU, Mara. Análise da timidez na desvantagem vocal percebida em professores. **Codas**, [S.L.], v. 31, n. 3, p. 1-7, 2019. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/2317-1782/20182018149. Disponível em: https://www.scielo.br/j/codas/a/kRkCfB75hgzGbbnrL9Xn8vm/?lang=pt. Acesso em: 25 maio 2023.

LEITE, Ligia Costa; MELO, Rosse Imair de Oliveira; DOUAT, Cristina Maria. Uma realidade invisível: violência contra alunas negras na escola pela percepção dos docentes. **Revista Teias**, [S.L.], v. 23, n. 68, p. 55-68, 1 mar. 2022. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. DOI: http://dx.doi.org/10.12957/teias.2022.60828. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/60828. Acesso em: 22 ago. 2023.

LEMOS, Daniel Cavalcanti de Albuquerque. Os Cinco Olhos do Diabo: os castigos corporais nas escolas do século XIX. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 627-646, maio/ago. 2012. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade. Acesso em: 15 jul. 2023.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história de opressão das mulheres pelos homens. Prefácio de Lola Aronovich. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. Conhecer, pesquisar, escrever... **Educação, Sociedade & Culturas**, Porto Alegre, n. 25, p. 235-245, 2007.

MINUZZO, Ana Carolina Alves. PÊSSOA, Elisângela Maia. **Uso da violência na educação dos filhos**. Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão (SIEPE), Universidade Federal do Pampa. Campos do Jordão. 2022.

OLIVEIRA, Fábio Araújo; SANTOS, Nádia de Jesus. O discurso sobre masculinidade tóxica em uma campanha publicitária governamental. **Revista do Gelne**, [S.L.], v. 24, n. 1, p. 136-147, 28 jun. 2022. Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. http://dx.doi.org/10.21680/1517-7874.2022v24n1id26319. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/26319. Acesso em: 20 nov. 2023.

OSTI, Andréia; TASSONI, Elvira Cristina Martins. AFETIVIDADE PERCEBIDA E SENTIDA: representações de alunos do ensino fundamental. **Cadernos de Pesquisa**, [S.L.], v. 49, n. 174, p. 204-220, dez. 2019. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/198053146575. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cp/a/ntJcNdtkKZTDvhGGZzw7ZPz/?lang=pt#. Acesso em: 16 jul. 2023.

PESSOA, Maria Fernanda; VAZ, Daniela Verzola; BOTASSIO, Diego Camargo. VIÉS DE GÊNERO NA ESCOLHA PROFISSIONAL NO BRASIL. **Cadernos de Pesquisa**, Artigo E08400, São Paulo, v. 51, p. 1-22, 23 jul. 2021. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/198053148400. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cp/a/GGGh6ct6TqyWGcXZRxsmtMb/?lang=pt. Acesso em: 22 out. 2023.

PINHO, Vilma Aparecida de; PARENTE, Francilene de Aguiar; MEDEIROS, Oberdan da Silva; DE CARVALHO, Elen Mayara Bezerra. O LÁPIS "COR DA PELE", QUEM TEM? DESCREVENDO EXPERIÊNCIAS EM RELAÇÕES RACIAIS COM CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL. **Revista Fórum Identidades**, Itabaiana-SE, v. 25, p. 123-142, set.-dez. de 2017. Disponível em: https://periodicos.ufs.br/forumidentidades/article/view/8346. Acesso em: 06 fev. 2024.

Rodrigues, Auro de Jesus. **Metodologia científica** / Auro de Jesus Rodrigues; coautoras Hortência de Abreu Gonçalves, Maria Balbina de Carvalho Menezes, Maria de Fátima Nascimento. 4. ed., rev., ampl. – Aracaju : Unit, 2011. 212 p.: il. (Série bibliográfica)

ROVERI, Fernanda Theodoro; SOARES, Carmen Lúcia. Meninas! Sejam educadas por Barbie e "com" a Barbie. **Educar em Revista**, [S.L.], n. 41, p. 147-163, set. 2011. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/s0104-40602011000300010. Disponível em: https://www.scielo.br/j/er/a/hBzvMqJkpvYJyfkjQLHTPtQ/?lang=pt. Acesso em: 16 set. 2023.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. 2. ed. São Paulo: Expessão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.
SAMARA, Eni de Mesquita. O Que Mudou na Família Brasileira?: da colônia à atualidade. **Psicologia Usp**, [S.L.], v. 13, n. 2, p. 27-48, 2002. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/s0103-65642002000200004. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pusp/a/GhXXDBp5YNgpDRqZrWHfQ3k/?lang=pt. Acesso em: 24 out. 2023.

SOLNIT, Rebecca. **A mãe de todas as perguntas**: reflexões sobre os novos feminismos. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
SOUSA, Luana Passos de; GUEDES, Dyeggo Rocha. A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. **Estudos Avançados**, [S.L.], v. 30, n. 87, p. 123-139, ago. 2016. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/s0103-40142016.30870008. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ea/a/PPDVW47HsgMgGQQCgYYfWgp/?lang=pt. Acesso em: 05 ago. 2023.